SEARA NOVA

REVISTA DE DOUTRINA E CRÍTICA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1938

SUMÁRIO

549 1$50

ANO XVIII LISBOA, SÁBADO, 19 DE FEVEREIRO DE 1938 N.º 549

seara nova

DIRECTOR DELEGADO: António Sergio EDITOR: Câmara Reys

Redacção, Administração e Oficinas — Calçada do Tejolo, 37-A

DEPOSITÁRIO — Travessa da Boa-Hora, 43, 1.º

Telefone 23547 **Enviar toda a correspondência para a Travessa da Boa-Hora, 43, 1.º**

CORPO DIRECTIVO: António Sérgio, Câmara Reys, Jaime Cortesão, Mário de Azevedo Gomes, Raúl Proença e Sarmento Pimentel. — PROPRIETÁRIA E EDITORA: Empresa de Publicidade SEARA NOVA

ASSINATURAS — Continente e Ilhas: 6 números, 7$50; 12, 15$00; 24, 30$00. — **Colónias:** 12 números, 20$00; 24, 40$00; — **Brasil:** 12 números, 20 mil réis; 24, 40 mil réis; — **Estrangeiro:** 12 números, 25 francos; 24, 50 francos.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Cartas do nosso tempo

X

A um rapaz de hoje, sôbre a concepção de "humanidade" na arte

Meu caro A.

Desculpa a brutalidade com que principio: mas já te julgava um pouco mais liberto dos zun-zuns circundantes, das opiniões correntes, do preconceito do *actual,* dos juízos de grupo, etc. Incorrigível ingenuïdade a minha!: ¿Pois quanto tempo levei eu para me libertar um bocadinho dessas poderosíssimas pressões? ¿E quanto tempo levarei ainda para ver (se chegar a isso) como essas e outras oprimem ainda a minha liberdade de raciocínio e juízo? Eu devia saber que és demasiado novo, amigo, para já ter as fecundas e pungentes experiências que são condição de certas libertações. Ora como ninguém realmente aprende senão à sua custa, como as experiências alheias de pouco nos servem e só as nossas nos ensinam, — o melhor talvez fôsse calar-me agora e esperar... esperar por ti. Mas em primeiro lugar: Bem sabes que sou uma pessoa implicativa, repontona, inquieta, amiga de dialogar e discutir, de ouvir e responder. Calar-me, a respeito de pontos em que discordo nos assuntos que me interessam, só me é fácil quando verdadeiramente desprezo o indivíduo que fala. Pouca gente há, porém, que eu verdadeiramente despreze. ¿Teremos nós, sequer, o direito de desprezar seja quem fôr? Quási tôdas as opiniões me interessam por qualquer cousa. Aos que me acusam de conflituoso, peço para me reconhecerem, ao menos, como refractário a certo silêncio que não passa de secura, de orgulho, de menoscabo. Sendo assim, ¿como não me seria custoso calar-me quando discordo de amigos que estimo? Escrevo-te, primeiro, porque me não é fácil ficar mudo ante as leviandades e confusões do teu último artigo. Desculpa a sem-cerimónia, que já sabes que é a minha para com os amigos mais particulares e queridos. Depois, escrevo-te porque me vem à cabeça que talvez não seja mau que te responda: Nos redemoinhos e entre correntes contrárias se conhece o bom nadador, ou o nadador se exercita. No choque de ideas opostas e juízos diversos se conquista a imparcialidade crítica, a lucidez do pensamento, o govêrno de si próprio. Já que teus ouvidos andam cheios, e o teu espírito ocupado, de certas ideas muito actuais, vulgarizadas nos mais diversos campos, sôbre o determinismo político-social da arte e o seu fim demasiado humano, — ¿não poderei eu servir-te contrapondo outras ideas a essas? Ardo por te ser útil, meu caro e jovem A. De modo nenhum, porém, quereria influenciar-te, arrastar-te, constranger-te... ¿É razão para que cruze os braços vendo-te influenciado, arrastado, constrangido por outros ainda menos firmes do que eu? Bem vejo a sua vantagem sôbre mim: Adulam-te, eu não. Tanto mais pertinazmente deverei então opor-lhes as fracas armas que são minhas... Tu, — defende-te duns e doutros: Orienta-te e escolhe livremente. Nos redemoinhos e entre correntes contrárias se reconhece o bom nadador, ou o nadador penosa mas proveitosamente se exercita. De nada ou de bem pouco te pode servir a minha experiência própria. A tua, porém, servir-te-á. E propondo ao teu espírito algumas reflexões sôbre certas afirmações ou tendências actuais, — puxando-te, em suma, para um dêsses choques de ideas e redemoinhos de correntes em que o bom crítico e o bom nadador se afirmam — facilito-te, em parte, uma dessas experiências que te podem ser proveitosas. ¿É um bocadinho arriscado? Talvez. Mas a um rapaz sadio como tu suponho que não desagrada arriscar-se um pouco...

Ora bem. Dizem-te alguns hoje em dia: «A arte deve ressentir-se da nossa presente situação político-social, pôr os nossos problemas actuais. A arte deve ser entendida por tôda a gente; ocupar-se de tôda a gente; falar a tôda a gente. ¿Que vem a ser essa arte alimentada de sonhos e fantasias, quando se pode alimentar das mais palpitantes realidades? ¿Que significam, hoje, essas criações *para raros apenas,* ou apenas dirigidas a certas faculdades ou actividades do homem? ¿De que nos prestam as soluções ou sugestões de solução que não resolvam os nossos conflitos mais urgentes? ¿E que atitude *humana* é essa do artista que para realizar uma obra se alheia ou esquece do seu tempo, e assim não realiza senão uma obra *deshumana?*»

Com estas e outras cousas semelhantes, conseqüentes ou afins te enchem os ouvidos; tanto que até tu puseste na grafonola o estafadíssimo fado contra o *àrtista* abraçado à sua Tôrre de

Marfim, — e vens a público repetir uns lugares-comuns contra certa arte que ainda ontem tu e outros acháveis tão rica de virtualidades, horizontes e perspectivas novas... Muito bem, jovens amigos! ¡Como tais verduras são prometedoras em quem fôr capaz de vir a corrigir-se delas! ¿Mas se ao mesmo tempo começássemos por desde já pensar um pouco?

Exprimindo-se ainda muito insuficientemente, caindo nas mais ingénuas contradições e confusões, exemplificando tanto as simpáticas deficiências como as luminosas virtudes da extrema juventude, outros rapazes como tu vêm batalhando ùltimamente pelo que chamam, não sei se com propriedade, uma arte nova. A minha dúvida sôbre a propriedade do adjectivo vem de me não parecerem novas as características dessa *nova* arte: realismo e pragmatismo. ¿Negar-se-á que sejam êles, êsses generosos moços, os que mais dentro estão do seu tempo? De modo nenhum. Se essa glória lhes basta, não serei eu quem pretenda despojá-los: O materialismo, o positivismo, o realismo, o pragmatismo, — estão outra vez na moda. E estão na moda dentro dos campos que por mais opostos se dão. Assim dos mais diversos ou antagónicos sectores nos chegam reclamações (é o têrmo) extraordinàriamente semelhantes. Assim os mais ferozes inimigos se reconciliam em atacar com muito idênticas razões as mesmas atitudes. Assim a actividade política e o interêsse social — cousas em si tão estimáveis — por uns e outros nos são impostos com tão autoritário exclusivismo, que instintivamente se tem o higiénico movimento de os desestimar... Não é para admirar que a chamada liberdade do artista seja combatida, e atacado o inegável individualismo da criação artística, num tempo em que até a ciência ou a religião são intimadas (é o têrmo) a servir ideais políticos, fins nacionais ou internacionais, interêsses inteiramente alheios quer à ciência quer à religião; e em que a metafísica é troçada como uma infantilidade, estigmatizada como um ridículo, ou perseguida como um crime... Belos tempos, grande moda! Os rapazes são quási sempre do seu tempo, gostam quási sempre de andar na moda... E nisso se parecem com as mulheres. Ora há quem pense que às mulheres e aos rapazes se deve uma benevolência especial. A mim, parece-me quási ofensiva essa benevolência. De-certo, não devemos esquecer com quem discutimos ao discutir com uma mulher. Nem exigir a um rapaz antecipações que seriam um desmentido à sua mocidade... Quanto a supormos, porém, que elas e êles são incapazes de pesar um argumento ou avaliar uma idea, seria ofendê-los injustamente; injustìssimamente. Por isso te escrevo esta carta, e a publico na esperança de que outros rapazes a leiam: Embora os rapazes sejam quási sempre do seu tempo, e gostem quási sempre de andar na moda, — ¿não há já nêles o homem capaz de ser de todos os tempos e modas?

Mas esta carta não acabaria, meu caro, se desde já a não limitasse a um aspecto da guerra actual contra todo o idealismo ou espiritualismo. O caso é tanto mais complicado quanto alguns que combatem todo o espiritualismo podem ser mais espiritualistas do que se supõem; e outros que se pretendem idealistas ou espiritualistas são, na realidade, naturais inimigos das próprias suas doutrinas. Se queres ler um claro, um audaz volume sôbre o monstruoso pragmatismo da nossa época, — lê o recente livro de Julien Benda, *Précision*. Há sempre muitos pontos em que se discorde de Benda. ¡Mas que lucidez e firmeza as suas, num tempo em que parece tão natural serem os intelectuais amoldáveis e confusos!

O aspecto sôbre que, de momento, quero chamar a tua atenção — é o que me inspiram certas considerações do teu infeliz artigo: o da arte; e a dentro da arte, a literatura. Dizes tu, por exemplo: «Tôda a obra de arte é determinada por motivos de ordem económica e social.» E depois, violentamente te exaltas contra os autores que parecem desmentir a tua categórica afirmação. Curioso e cómico espectáculo, meu jovem apóstolo! Porque se é verdade o que tão categòricamente afirmas, nada tens que te preocupar, a tal respeito, seja com que autor ou obra fôr: Queiram ou não, mais cedo ou mais tarde, directa ou indirectamente, — êles darão razão às tuas teorias. E se em verdade lhes não dão razão, é porque afirmas cousas que se não verificam tão infalìvelmente como julgas. ¿Que deverias, então, fazer senão abandonar ou corrigir as tuas teorias e doutrinas? Dir-se-ia, porém, que as preferes à verdade; e que de aí vem que te irritas contra os escritores em quem o motivo económico e a razão social não marcam visìvelmente a obra... Conheço alguns dêsses, louvado seja Deus. A êsses, trata-los tu de *deshumanos*. Ser *humano*, para ti, dir-se-ia que é justificar as tuas doutrinas. E não vês como em tal ponto singularmente te encontras com alguns teus adversários ideológicos; os quais (se substituirmos certos vocábulos) acirradamente exigem ou afirmam cousas bastante idênticas às tuas, caindo nas tuas mesmas indignações e irritações... Não exigis vós da arte (tu e êles) senão que dê razão às vossas teorias e sirva os vossos interêsses. Que a arte, com o ser, proporcione outras consolações, obedeça a outras exigências e se proponha outros fins, — eis uma objecção comezinha que, no entanto, deixa inabalável a vossa firmeza. ¿Deverei pensar que só à sujeição da arte a essa firmeza chamais vós *humani-*

dade? Ora a cousa não fica por aqui: Transformadas as vossas teorias numa espécie de doutrina religiosa com seus reveladores, seus santos, seus livros sagrados, seus dogmas (e assim é que uma simples hipótese muito defensável como hipótese, ou uma simples atitude de espírito muito aceitável como tal, se transfiguram no mais estreito e ridículo fanatismo) vós tendes pontos de vista cuja discussão é imediatamente interdita, visando a fins que logo assinalais a tôdas as actividades humanas: Não é só a arte que sufocaria sob a vossa rochosa firmeza de convicções, a não ser precisamente a arte cousa sôbre a qual nada podem quaisquer convicções que não as do artista criador. Igual perigo correria a metafísica, a ciência, a religião, a crítica, a não terem precisamente estas actividades como condição um esfôrço de libertação oposto aos vossos esforços... Do que vos vingais chamando *deshumana* a tôda essa arte, vã a tôda essa metafísica, falsa a tôda essa ciência, perigosa a tôda essa religião, depressiva a tôda essa crítica,—que assim vos escapam. Curioso e cómico espectáculo, jovens apóstolos! Triste figura a tua, meu pobre amigo!: A ti interessa-te a luta das classes, tenta-te a guerra a uma certa ordem social ou a um certo sistema económico, inflama-te o sonho do advento duma sociedade e duma economia inteiramente novas. Vai de aí, exiges que o escritor (para só falar do escritor) se ocupe de certos indivíduos e meios; trate certos assuntos; escreva num certo tom; resolva de certa maneira certos problemas e conflitos; defenda certas teses e se proponha certas finalidades. Ora muito bem!: A luta de classes que a ti interessa, também interessa a teus adversários; mas numa atitude oposta ou diversa. A ordem social ou o sistema económico que tu atacas, defendem-nos êles, ou defendem outros diferentes. O sonho que tu achas belo, acham-no êles uma utopia ou uma monstruosidade; e proclamam um sonho contrário ou sonhos discordantes; etc. O mundo é feito desta variedade, amigo; e é assim mesmo variado que agrada a um artista; sobretudo a um romancista, artista literário com o qual em especial tu e os teus costumais meter-vos... ¿Quem tem razão dêsses vários afirmadores? Plenamente concordo convosco no seguinte: Bem difícil será a um homem de hoje não escolher. Mas *a um artista como artista, e a qualquer homem de acção espiritual como homem de acção espiritual*, não interessa tal escolha no sentido em que vos interessa a vós. Eis o que nem tu, nem teus correligionários, nem teus adversários,—pareceis poder tolerar. E fanáticos do monstruoso pragmatismo dos nossos dias, todos caís sôbre o artista (ou o metafísico, ou o místico, ou o crítico, ou o sábio) como sôbre o mais *deshumano* dos homens. Então vêm as tais pilhérias à tal Tôrre de Marfim; então começam os rapazes e rapazinhos a chamar velhos aos que se recusem a adulá-los; então se toma o actual como um valor; se confunde a verdade e a moda; se troça das mais altas aspirações do homem; etc., etc. Nesta barafunda, ¿quem ouve o protesto do homem religioso, do filósofo, do artista, do crítico, do sábio? Ninguém,—senão êles próprios. A sua fôrça, porém, está em que isso basta. As barafundas e os tumultos passam. As maiorias que tão profundamente lisonjeia qualquer ataque às altas cidadelas —não contam. E o protesto directo ou indirecto (talvez tanto melhor se indirecto!) do homem de espírito—vive desde que o homem surgiu e o espírito se revelou.

Dito o que, meu jovem polemista, talvez possamos considerar um pouco mais de perto a tua noção de *humanidade* na arte. Vejamos: Como tôdas as actividades do espírito, a actividade artística condiciona-se no homem-artista por várias cousas. ¿É o artista determinado pelo sistema económico e a ordem social em que se enquadra ou a que aspira? De-certo. ¿Quem o nega? De-certo! mas só em parte. Que noutras partes é êle determinado pela raça a que pertence, pelo meio em que evoluiu, pela família de que proveio, pela educação que recebeu, pelas experiências que efectuou..., sei lá! E tudo isso se reflectirá na sua obra. Não obstante, *todo o verdadeiro artista sente que uma obra de arte é grande não na medida em que se mostra condicionada por tais contingências, não na medida em que fica sujeita ao espacial, ao temporal, ao particular,—sim na em que dêles se liberta para atingir aquela eternidade, aquela universalidade, aquêle absoluto que são verdadeiro único fim das criações do espírito.* Perfeitamente inútil, meu caro, que tu, os teus correligionários e certos vossos adversários tão afins de vós nas exigências esperem outra cousa do artista como artista; ou do crítico como crítico, do sábio como sábio, do filósofo como filósofo, do religioso como religioso. Para tais homens (e nem que êles o não saibam) nunca o espírito deixará de ser irredutível à matéria. Defender êsse espírito irredutível contra os assaltos que lhe dirige o animal humano ou o homem médio social,—eis a verdadeira missão de tais homens. Quando tal deixasse de suceder (que não deixa!) desmoronar-se-ia tôda a obra da cultura e da civilização. Não falta quem quási preveja êsse espantoso terramoto; êsse novo dilúvio: Lê, por exemplo, o *Avertissement à l'Europe* de Thomas Mann. Não creio, por mim, que haja razão para tal pessimismo; e não o creio porque tenho esperança na reacção da parte digamos divina do homem. Nem sempre suficientemente coerente ou preciso, Tho-

mas Mann não deixa, aliás, de também esperar nela...

Que esta é a verdade bem simples, meu amigo: Se se define o homem como um animal racional, um animal metafísico ou qualquer cousa assim, é que sempre se reconheceu nêle uma dualidade que se exprime por corpo e alma, espírito e matéria, extensão e pensamento ou expressões semelhantes; dualidade que nesta linguagem com que te falo exprimo referindo-me à parte animal e à parte divina do homem. Que os dois têrmos da dualidade se compenetrem e, pelo mero facto de existir, o homem seja sua unificação, — não importa aqui. Importa aqui essa dualidade que no sentido em que falo nada nega. Pela sua parte animal está pois sujeito o homem a tôdas as necessidades fisiológicas dos animais; e sujeito ainda a tôdas as condições e circunstâncias sociais, políticas, económicas, rácicas, históricas, climatéricas, familiares, biográficas,... sei lá! Mas a tais condições e circunstâncias, também outros animais estão sujeitos. Não é, de-certo, por tal sujeição que o homem se define como homem; e se distingue de todos os animais. No que o homem se distingue de todos os animais é em poder apelar para a sua parte divina: É em pensar não só a sua própria natureza como tudo o que o cerca; é em julgar as próprias condições e circunstâncias a que está sujeito, e assim se libertar delas; é, resumindo, em ter a noção do eterno, do infinito, do absoluto; ou em inventar o eterno, o infinito, o absoluto; ou em comunicar com o eterno, o infinito, o absoluto. Resumindo ainda: é em ser criador de Deus, — para os ateístas; ou sua criatura à sua imagem e semelhança, — para os teístas.

Vejamos agora, meu caro A., como diferem a tua concepção de *humanidade* e a minha. Particularizando: como difere da minha a tua concepção de *humanidade* na arte. Parece que para ti o artista é tanto mais *humano* quanto mais se ressentir a sua obra das condições e circunstâncias históricas, sociais, políticas, etc., do momento em que se realiza. Assim tens por mais *humana* aquela obra que mais se preocupa com pôr ou tentar resolver os problemas actuais; que mais se enquadra nas correntes, teorias e doutrinas presentemente em voga; que melhor é realizada de modo a ser compreendida pelo maior número possível de homens de hoje; etc. É, pois, do critério de actualidade, de utilidade, de acessibilidade, que te serves para julgar a *humanidade* duma obra. Singular posição crítica a tua, caríssimo e jovem amigo! Ela te levará a julgar mais *humanas* as obras de certos escritorzinhos actuais do que as de Shakespeare ou Racine, de Gœthe ou Dostoiewsky. Por ela aceitarás como espectáculo mais *humano* um desafio de jôgo da bola, ou um combate de *box*, do que a realização duma ópera de Wagner, dum drama de Ibsen, duma comédia de Charlot. Dela te reclamarás para deprimir *Salammbô* ou a *Ilíada* em favor dum romance de Malraux sôbre a guerra de Espanha. Nela te estribarás, em suma, para tender a julgar severamente o homem actual que por algumas horas esquece o espaço, esquece o tempo, e se esquece a si como particular, mergulhando nas ruminações mais perduráveis de Descartes ou Kant, de Einstein ou do avô Hegel... ¿Não te seria, então, mais fácil declarar com a simplicidade da estupidez e da violência que te não interessa nenhuma das superiores manifestações *humanas* do homem? *Simplesmente*, amigo, elas interessam-te; e eu bem sei que tu não és estúpido nem violento: és generoso e leviano como tantos outros rapazes...

Mas pensa um instante nisto: Há uma concepção de *humanidade* segundo a qual *humano* é não só êsse aspecto do homem que tu pareces valorizar, mas também o que pareces considerar *inhumano* ou *deshumanizado*. Melhor: Para estoutra concepção, mais *humana* é, talvez, aquela parte divina do homem pela qual aspiramos ao absoluto e ao eterno, do que a parte animal pela qual nos sujeitamos às necessidades fisiológicas, ou a parte histórica ou anedótica pela qual dependemos das contingências. Assim as obras de Platão, ou Homero, ou Ésquilo, ou Virgílio, ou Dante, ou Camões, ou Shakespeare, ou Racine, ou Descartes, ou Kant, ou Spinoza, ou Beethoven, etc., etc., até outros menores mas em quem também arde o insaciável desejo da Beleza, da Verdade, do Bem absolutos, — parecerão incomparàvelmente mais *humanas* a qualquer adepto dessa concepção de *humanidade*, do que certas obras actuais por mais que se embrenhem nos interêsses presentes; por mais que emocionem os homens e as multidões de hoje; por mais que sirvam as nossas aspirações da angustiosa hora que passa. É que qualquer que haja sido a actualidade dessas obras universais, eternas, a sua universalidade e a sua eternidade resultam de nelas se debaterem, em têrmos de sempre, as questões de sempre do homem de sempre. Ora para todos os homens de espírito, (como puros homens de espírito que não são mas aspiram a ser) esta é que é a verdadeira *humanidade* de qualquer obra. Em aceitar tal concepção tenho a honra de me acolher à sombra de todos os grandes artistas, pensadores, sábios, místicos. Se é ao gigantesco bloco espiritual formado pelo melhor esfôrço do que de melhor houve nesses homens que vós outros chamais *Tôrre de Marfim*, só por modéstia não ouso considerar-me locatário, embora humilde, de tão alta Tôrre...

Mas aqui, ainda uma observação; desculpa a

sua brutalidade indispensável: A juventude tem preciosas qualidades. Raro aparecem nela, porém, o senso das *nuances*, a faculdade de distinção de ideas e posições, ou o sentimento da complexidade de todos os problemas que têm o homem por centro. Além de que menos comuns do que nunca são hoje tais dons, — seja em que idade fôr. Pôsto o que, vejamos: ¿ Pretendo eu, no que deixo dito, *proïbir* ao homem de espírito qualquer intervenção directa nas cousas públicas? pretendo impedir que o interessem os problemas actuais? penso sequer que seja preferível procurar o artista para a sua obra motivos menos localizados no tempo e no espaço? Quem bem me tiver lido bem sabe que não. No caso particular da arte, ¿ quantas vezes não tenho já afirmado a minha idea (minha e de outros) de que é através do particular que o artista se encaminha ao geral, através do temporal que se encaminha ao eterno, através do relativo que se encaminha ao absoluto? Simplesmente, quanto a mim, é indiferente para o juízo crítico e gôzo estético duma obra que ela e seu autor se ressintam ou não, na sua parte condicionada, dos conflitos, problemas, correntes, aspirações e temores do seu tempo; quero dizer: se ressintam mais directamente ou menos. Que um romance de Malraux trate a guerra de Espanha e a «*Salammbô*» as guerras dos cartagineses, pode não me ser indiferente como homem, que sou, sujeito a todos os condicionalismos que sujeitam os homens, dependente de tôdas as circunstâncias que fazem a nossa tão relativa felicidade; mas seguramente me é indiferente como crítico e artista: como homem de espírito. O homem particular, contingente, efémero, que sou — pode ler com maior sofreguidão o romance de Malraux; (pôsto o inorganizado dos romances de Malraux torne a sua leitura bastante penosa). Mas para o homem de espírito que também sou, sempre a «*Salammbô*» será de qualidade superior, e muito mais alta a natureza estética genial de Flaubert...

Uma das habilidades pouco leais tanto de alguns dos teus correligionários como adversários — é fingirem crer que o não quererem certos *clercs* forçar sua obra aos interêsses económicos, actualidades políticas, questões sociais, forçosamente significa que êles se recusem, como homens do seu tempo e do seu mundo, a reparar nesses interêsses, actualidades, questões. Profundamente me contrista, amigo, que as tuas mais recentes atitudes ou mostrem falta da subtileza necessária para entender estas cousas, ou mostrem um princípio da tal habilidade de alguns dos teus correligionários ou adversários. Perdoa tudo o que de desagradável te digo nesta carta: ¿ Que queres? Sou teu amigo. E reconhecerás que nela cedo ao menos a uma das tuas exigências: Tomar posições.

Teu certíssimo

JOSÉ RÉGIO

◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

COMO REFORMAR AS BIBLIOTECAS PORTUGUESAS

II

III—Hierarquização das bibliotecas

Do que vem de enunciar-se pode já entrever-se a instante necessidade de fazer preceder de uma rigorosa classificação qualquer trabalho de reforma ou reorganização bibliotecária.

Tôdas as bibliotecas são de natureza *oficial* ou *privada*, sem haver, em relação àquelas, lugar a distinções de designação quando pertençam ao Estado ou às autarquias locais, que são outras tantas fracções do Estado. E assim se obteriam os primeiros elementos de uma divisão radical das bibliotecas em oficiais e privadas (1).

As *oficiais* comportam todavia modalidades, consoante se destinam a *todos* (embora com limitações de ordem cultural a impôr no recrutamento dos seus freqüentadores), ou se destinam a uma certa classe ou generalidade de pessoas, ou obedecem a uma finalidade determinada.

Assim na rúbrica de públicas teria de alinhar não só tôda a gama bibliotecária que se estende da Biblioteca Nacional à inominada biblioteca de Mafra (bibliotecas eruditas e Biblioteca Popular

(1) O novo Código Administrativo de 1936 incluíu (art. 359.º) entre as *pessoas colectivas de utilidade pública* as bibliotecas fundadas por particulares, aproveitando aos habitantes de determinada circunscrição, que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo administrativo; e como pessoas colectivas daquela espécie, ficam submetidas (arts. 360.º a 371.º) à tutela do Estado.